



ESTUDO DA IDEOLOGIA: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

Nadir Lara Junior¹

Introdução

O objetivo dessa apresentação neste GT é demonstrar como acontece a operação discursiva para o estabelecimento do lugar ideológico. Para isso, propomos um modelo analítico que nos ajudará a compreender como perceber a constituição deste lugar em um laço social marcado pela hegemonia do discurso capitalista. Para tanto, buscamos referência em três bases epistemológicas: primeiramente, nos baseamos no conceito de ideologia proposto por Louis Althusser, depois buscamos nos quatro discursos apontados por Jacques Lacan e também nos referenciamos em autoras da tradição brasileira de análise do discurso, Eni P. Orlandi; Helena N. Brandão. Essas referências serão citadas aqui de maneira breve, visto que temos um número limitado de páginas e talvez, por causa disso podemos incorrer em certo reducionismo do pensamento destes autores. Caso haja mais interesse por essa questão, estamos à disposição para diálogos e interlocuções.

Referências teóricas

Para refletirmos sobre o aspecto de análise da ideologia, destacamos que os estudos de Louis Althusser reabrem no cenário acadêmico a discussão sobre ideologia, especialmente, com sua obra intitulada: “Aparelhos ideológicos do Estado”. Nessa obra escrita em 1970, esse autor busca no marxismo e na psicanálise fundamentos para sua formulação, pois na França desse período, os estudos de Jacques Lacan estavam se consolidando nos meios acadêmicos, assim como os trabalhos dos pós-estruturalistas que traziam para o debate a importância do discurso para a compreensão da realidade e da sociedade. Dessa maneira, os autores que analisam as questões sociais e políticas da época foram influenciados pelo que se denominou de virada linguística.

Nessa perspectiva há certa mudança epistemológica e metodológica na forma de entender o sujeito no laço social, pois ao supor que nas relações ideológicas o indivíduo é interpelado como sujeito, Althusser afirma que esse passa a se sujeitar à lei posta nas diferentes formas discursivas que se apresentam na sociedade, dessa maneira concebe o sujeito atravessado pelo inconsciente. Diante disso, consideramos em nossas análises um sujeito que “fala”, que produz um discurso entendido aqui como uma forma de construir a realidade, ou nas palavras de Lacan, o laço social.

Vale destacar que ao propor um sujeito atravessado pelo inconsciente, Althusser se distancia dos marxistas, no entanto, ele não descarta o princípio da operação das racionalidades nos processos psicossociais, tampouco nega a importância do materialismo histórico, pois concebe o indivíduo como sujeito, supondo que esse, além de funcionar de maneira consciente, opera também dentro de uma lógica inconsciente.

¹ Psicólogo, Mestre e Doutor em Psicologia Social. Professor e Pesquisador do Programa de PósGraduação em Ciências Sociais, UNISINOS. Líder do Grupo de Pesquisas em Ideologias Políticas e Movimentos Sociais.



Dessa maneira, o inconsciente não é uma forma ilógica ou irracional como se pensa no senso comum, depois de Freud e Lacan o inconsciente é demonstrado nos estudos psicanalíticos como uma racionalidade que opera dentro de outra cena em que a dimensão do desejo e das pulsões também constitui os processos subjetivos que o sujeito estabelece em sua cultura. Portanto a linguagem que constitui a cultura é a mesma que estrutura o inconsciente, dessa forma a cultura se torna um conjunto de significantes com o qual o inconsciente se estrutura como tal.

Althusser (1970) entrelaça a dimensão imaginária da ideologia com a prática social e política. Por isso se opõe aos marxistas clássicos que afirmam que transformando os meios de produção capitalista se transforma a repressão e a dominação postas na sociedade, por outro lado, baseado em Lacan, Althusser defende que não somente os meios de produção devem ser mudados, mas também se deve transformar a economia inconsciente que liga os sujeitos ao laço social, que por sua vez é determinado pelo sistema capitalista.

Nesse sentido, pela ideologia as pessoas representam imaginariamente a si mesmas na relação com as condições reais postas na realidade. Dessa forma, o que está no centro de toda representação ideológica é a relação inconsciente que constitui imaginária e simbolicamente o laço social. A dimensão imaginária foi enfatizada por Althusser (1970) como sendo um conjunto de representações que constituem o laço social e as mais diversas formas de organização social.

Partindo dessa concepção compreende-se que a ideologia estabelece inconscientemente não somente as formas com as quais os sujeitos vivem em sociedade (imaginário), como também estabelecem as posições em que os sujeitos devem assumir nas relações sociais (simbólico). Dessa maneira as relações sociais se constituem por disputas de poder que posicionam os sujeitos de forma desigual. Contudo é importante apontar para dois aspectos: primeiro, que as desigualdades ainda estão relacionadas diretamente as questões econômicas de classe social, e segundo, que nem sempre as desigualdades existentes nas relações sociais ficam em evidência, pelo contrário, cada vez mais vem sendo ofuscada pela ideologia dominante.

Dessa maneira, o controle social se institui por meio da ideologia, para garantir a reprodução das relações de dominação que acabam se perpetuando hegemonicamente na sociedade. Deste modo os sujeitos que nascem em uma sociedade capitalista, estão em um contexto ideológico no qual se identificam com ele, pois desde criança incorporam qual lugar devem ocupar nas relações sociais.

Essa interpelação ideológica consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social. As classes sociais, assim constituídas, mantêm relações que são reproduzidas continuamente e garantidas materialmente pelo que Althusser denominou de Aparelho Ideológico do Estado (Brandão, 2004, p. 46-47).

Magalhães e Mariani (2010, p. 292) baseadas em Orlandi apontam que essa interpelação do indivíduo em sujeito é atravessada pela ideologia que inscreve o sujeito no simbólico, dessa maneira passa a pertencer a um laço social constituído pelo discurso e pelas relações históricas e materiais de uma determinada cultura.



A interpelação produz assujeitamento e isso ocorre em qualquer época histórica, em quaisquer que sejam as condições de produção, pois resulta da inscrição do sujeito no simbólico e, ao mesmo tempo, produz como resultado que esse sujeito, afetado pelo simbólico, expresse a sua subjetividade na ilusão de autonomia e ser origem do seu dizer.

Nessa lógica que estruturamos até aqui nos faz admitir que nas sociedades capitalistas aquilo que se imagina e se simboliza na ideologia tem um caráter opressor, portanto não há uma positividade no uso do conceito como Lenin e Lucaks apontam. Nessa perspectiva que utilizamos em nossas análises a operação ideológica visa somente a dominação dos sujeitos por meio das relações sociais.

O axioma laciano segundo o qual o inconsciente é estruturado como linguagem aponta justamente para a ideia de que o inconsciente é ordenado pela cadeia significante, ou seja, pela lei da linguagem. No inconsciente há a marca feita pelo S1, advindo da estrutura da linguagem, e de todos os significantes que vão se desdobrando desse significante primeiro ao longo da história de vida do sujeito. Isso porque, ao contrário do que muitos pensam, na leitura da psicanálise, a história do sujeito desempenha uma valiosa função na estrutura do inconsciente: é responsável por fazer uma determinada regulação do deslizamento da cadeia de significantes, permitindo que um significante remeta a outro significante que não é qualquer um, fornecendo ao inconsciente os points de capiton (pontos de estofa), que são, na estrutura subjetiva, aquilo que une, mesmo que temporariamente, um determinado significante a um determinado significado (Lacan, 1970/1992).

Nessa perspectiva laciana, os sujeitos ocupam determinadas posições que definem qual a lógica de relação que será estabelecida numa relação entre o sujeito o Outro e os outros. Nesse sentido, já demarcamos em textos anteriores (Lara Junior, 2010 e 2012) como a lógica dos quatro discursos lacianos demonstram que é necessário que o sujeito ocupe determinadas posições diante do Outro e dos outros para que os discursos possam circular. Na lógica dos quatro discursos, Lacan (1970/1992) supõe posições de discurso no qual os sujeitos em posição de poder disparam a cadeia significante e para isso contam com a presença de um outro (agente – outro) posicionado em um lugar discursivo para que a sequência da cadeia possa operar.

O lugar discursivo e o ideológico

Nos processos de socialização são distribuídos os lugares discursivos, segundo a cultura do grupo a que pertence o sujeito. Desse lugar, os sujeitos aprendem a se posicionar na sociedade, respondendo às regras e orientações a que são determinados segundos critérios construídos por discursos de poder, portanto ideológicos.

O sujeito é um lugar de significações historicamente construído, ou seja, uma 'posição'. Essas posições, como sabemos, correspondem, mas não equivalem à simples presença física dos organismos humanos (empiricismo) ou aos lugares objetivos da estrutura social (sociologismo). São lugares 'representados' no discurso, isto é, estes lugares estão presentes mas transformados nos processos discursivos. Há nos mecanismos de toda sociedade regras de projeção que estabelecem relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações destas situações) nos discursos. (Pêcheux, 1969). São pois formações imaginárias – designando lugares que os locutores se atribuem uns aos outros (...) (Orlandi, 1998, p. 75).



Dessa maneira o lugar discursivo, enquanto uma construção imaginária, simbólica e material, demarca o lugar construído no discurso para que os sujeitos possam interagir no laço social e essa demarcação no laço define quais as posições que determinados sujeitos ocuparão dentro do grupo social. Para Magalhães e Mariani (2010, p.405) por essa razão os sujeitos mesmo antes de nascerem são submetidos à ação ideológica, pois seus lugares discursivos na sociedade estarão demarcados, muitas vezes, por demarcados por critérios de gênero, classe e raça:

Antes do nascimento, os seres sociais são submetidos à ação ideológica. Normalmente, nas sociedades modernas capitalistas, essa primeira abordagem é feita através dos membros da família nuclear. Inculcações sobre o lugar de homens e mulheres na sociedade são ditadas ao indivíduo pelas escolhas que a família realiza de roupas, quartos, nomes etc., assim como as expectativas, esperanças, objetivos que os adultos têm em relação ao novo ser. Tudo isso participará do inconsciente e vai sendo ressignificado no decorrer da história de vida de cada indivíduo. É importante frisar que esse processo, embora oriundo de relações sociais que afetam todos os seres sociais, é recebido de forma singular, o que faz com que cada indivíduo elabore de forma diferente a mesma práxis, tornando diferenciada a subordinação às práticas ideológicas.

Nesse sentido pensamos que, como apontamos até aqui, esses lugares discursivos demonstram como os “lugares” vão sendo constituídos dentro das formações discursivas. Baseados na afirmação das autoras citadas anteriormente, o lugar é uma demarcação de uma posição posta nas relações sociais. Todos nós ao nascermos somos posicionados no laço social, essas posições são necessárias para que possamos pertencer a um grupo social, compartilhar regras, saberes etc. Com isso vamos constituindo de maneira singular nossa pertença a um determinado grupo social e esperamos encontrar nele condições para exercer essa originalidade. A função do discurso é designar e atribuir sentido ao lugar que o sujeito ocupa numa determinada cultura e também o lugar que o outro e o grande outro ocupa na relação social. Portanto o lugar discursivo é assumido por todos os sujeitos que fazem parte de uma sociedade.

Por outro lado, os lugares ideológicos impõem aos sujeitos uma submissão aos discursos hegemônicos, que por sua vez regulam e determinam quais lugares e posições esses devem ocupar na sociedade. Essa administração dos sujeitos é endereçada na atual sociedade as minorias sociais de gênero (mulheres, gays, travestis...), classe (pobres, trabalhadores, ricos...) e raça (negros, índios, mestiços...) para que assim esses possam submeter-se a esses discursos hegemônicos, tornando-se cada vez mais massificados.

O lugar ideológico, portanto, aprisiona o sujeito em determinadas posições em que esse passa a responder às interpelações dos discursos hegemônicos, tornando assim natural as diversas formas de opressão. Nesse lugar, não é permitida a mobilidade e trânsito dos sujeitos para outras possibilidades discursivas. Nesse lugar ficam trabalhando na lógica do discurso do mestre e do douto, despossuídos do poder e do saber.

Contudo a imposição do lugar ideológico pode afetar os sujeitos de diversas maneiras, para alguns a resposta pode ser de acomodação, no qual respondem desse lugar passivamente sabendo que sua vida está sendo controlada, que é descartável e de pouco valor, entretanto busca imprimir

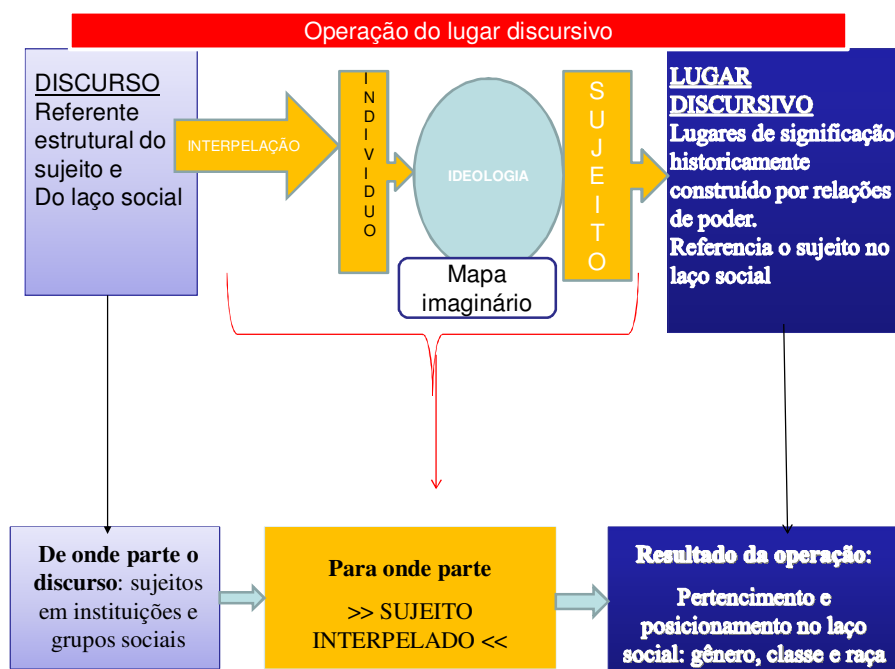
um ritmo cada vez mais intenso a essas interpelações ideológicas, materializando assim em suas práticas cotidianas os discursos hegemônicos. No entanto outros buscam lutar politicamente para garantir que seus direitos possam ser preservados, tentando reverter essa lógica opressiva:

Proposta de modelo analítico das operações discursivas ideológicas

Nessa etapa trazemos uma proposta de ferramenta metodológica para análise de dados de pesquisas qualitativas, pois compreendemos que a modalidade qualitativa permite ao pesquisador ser parte integrante do estudo, no qual o fenômeno social é observado através dos significados trazidos nos discursos (escrito ou fala) e práticas sociais. Esse método possibilita a investigação e interpretação do contexto estudado com um aporte analítico que leva em consideração tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos que envolvem o objeto (sujeito) pesquisado, com isso permite ao pesquisador fazer uma análise de dados em profundidade.

Para ilustrar as ideias que trouxemos até aqui iremos propor dois esquemas ilustrativos para compreendermos como os lugares discursivos e ideológicos se estruturam. No primeiro esquema será apresentada a operação discursiva para construção do lugar discursivo; no segundo esquema será demonstrado, através das operações discursivas, como se estabelece o lugar ideológico no laço social. Vejamos:

Esquema 1:



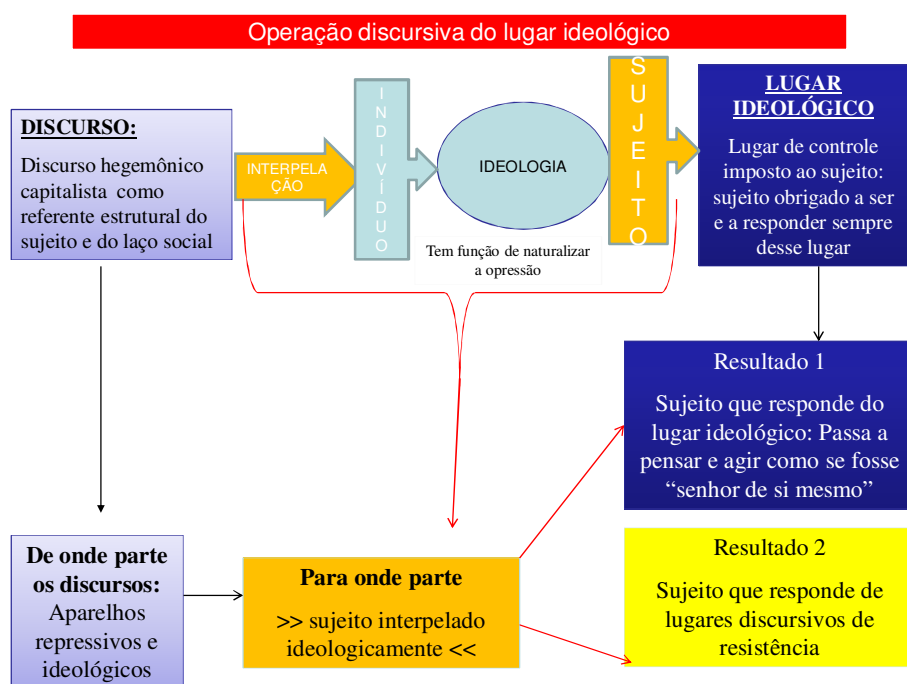
No esquema 1 temos a ilustração de como se constituem os lugares discursivos onde os sujeitos aprendem a se posicionar, respondendo às regras e orientações que são determinados por discursos ideológicos que regulam e determinam seu pertencimento e posicionamento no laço social. Nessa perspectiva esse lugar é uma construção imaginária na qual a ação ideológica opera

constituindo os sujeitos através de critérios de gênero, classe, raça entre outros, que vão demarcando qual a sua posição na sociedade.

Assim a dinâmica desse esboço se inicia da esquerda para a direita. Sendo o primeiro item a questão do discurso como um referente estrutural para o sujeito e o laço social. Isso está ligado a nossa compreensão de um sujeito atravessado pelo inconsciente e uma sociedade que se constrói imaginariamente e simbolicamente por meio do discurso. É a partir desses pressupostos que sai a seta da interpelação do indivíduo em sujeito, perseguimos aí os pressupostos de Althusser que apresenta nessa ação, um “assujeitamento” às normas e leis impostas por uma determinada cultura.

Vejamos agora o esquema seguinte:

Esquema 2:



No esquema 2 a ilustração traz a operação discursiva que impõem o lugar ideológico aos sujeitos, lugar esse que é endereçado às minorias sociais, que por sua vez são colocadas com certa naturalidade sujeitadas às diversas formas de opressão e isso não lhes permite, na maioria das vezes, transitar por outras possibilidades discursivas. Contudo nesse lugar o sujeito tem a possibilidade de responder de dois lugares diferentes, o da acomodação ou o da resistência.

Assim nesse segundo esquema pretendemos enfatizar que o lugar ideológico sempre vai operar com um caráter negativo, ou seja, uma vez colocado nesse lugar o sujeito será tratado como objeto em sua relação com os discursos hegemônicos, portanto nesse lugar se estabelece uma relação de opressão em que os sujeitos oprimidos não conseguem visualizar em que tramas ideológicas eles estão atrelados e passam, muitas vezes, a naturalizar a desigualdade como algo relacionado à sua existência.

Considerações finais



Ao término dessa etapa procuramos demonstrar teórica e metodologicamente uma possibilidade de compreensão analítica, que permite o pesquisador visualizar de forma crítica a realidade estudada. Deste modo, consideramos que essa seria uma proposta metodológica para o estudo da ideologia, tornando-a uma categoria mais visível para o desmantelamento das operações discursivas hegemônicas presentes na sociedade capitalista que oprimem os sujeitos pertencentes às minorias sociais.

Os esquemas aqui expostos podem ser percebidos por meio da análise de discursos dos sujeitos, para isso se faz necessário procedimentos metodológicos qualitativos, tais como: observação participante, diário de campo, entrevista semiestruturada, dentre outras estratégias que poderão ajudar a compreender essas operações discursivas postas no laço social. Assim sendo, a proposta metodológica que fazemos aqui, seria uma estratégia para análise de dos discursos produzidos pelos sujeitos em seus grupos ou instituições.

Assim finalizamos essa reflexão deixando um recurso analítico possível ao pesquisador, desejando que esse método (caminho) o aproxime no seu máximo da realidade social de seu sujeito de pesquisa e o auxilie ainda a trazer à tona as várias formas de opressão existentes na sociedade que cada vez mais tendem a ser ofuscadas por ideologias hegemônicas.

Referencial Bibliográfico

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa/São Paulo: Presença/Martins Fontes, 1970.

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro XVII: O Avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (1970/1992).

MAGALHÃES, Belmira e MARIANI, Bethânia. Processos de subjetivação e Identificação: ideologia e Inconsciente. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 10, n. 2, maio/ago, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli, *Discurso e Argumentação: Um Observatório do Político*. Fórum Linguístico, n. 1, jul/dez, 1998.